

A AUXILIARIZAÇÃO DE CHEGAR

Ediene Pena Ferreira*

1. INTRODUÇÃO

A abordagem funcionalista apregoa não ser a língua um sistema acabado, mas em constante transformação. Um exemplo desse dinamismo é a emergência de novas funções para formas já existentes na língua. Destacamos, para ilustrar essa afirmação, os diversos usos que vêm sendo observados do verbo *chegar*. Tais usos nos levaram a tentar compreender o porquê da coexistência de vários sentidos, associados a estatutos diferentes desse verbo, e a questionar se *chegar* estaria passando por um processo de regularização e, portanto, de gramaticalização de novas funções e significados.

Neste trabalho – parte de uma pesquisa maior sobre o processo de gramaticalização do verbo *chegar* no português brasileiro – procuramos investigar, em textos das modalidades oral e escrita do português contemporâneo – o processo de auxiliarização do *chegar* numa análise que integra os aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos.

Este artigo apresenta primeiramente alguns pressupostos sobre o paradigma da gramaticalização, depois traz algumas considerações sobre a auxiliarização do verbo em estudo, observando os critérios da detematização, da impossibilidade de desdobramento da oração e o da existência do sujeito único. Os resultados da nossa análise nos permitem terminar o texto com algumas conclusões, sugerindo que o verbo chegar está em processo de gramaticalização.

2. O PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

O termo gramaticalização, segundo Neves (1997), começou a ser usado na China, no século X, mas foi somente no século XX que Meillet o definiu como “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”. A partir de então, vários lingüistas ocuparam-se desse fenômeno, e Givón, na década de 70, ao estudar as formas verbais africanas e descobrir que os afixos de hoje remontam a arranjos de pronomes com verbos independentes, lançou o slogan “*a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem*”, ou “*a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem*”, para mostrar que as línguas seguem um ciclo que pode ser assim descrito: discurso > sintaxe > morfologia.

É no discurso, portanto, que ocorrem as mudanças. Isso elucida o princípio funcionalista de que é o uso da língua que molda a gramática.

Hopper e Traugott (1993) definem gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em determinados contextos lingüísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções

* Universidade Federal do Pará.

gramaticais. Em outras palavras, tal fenômeno é o processo pelo qual um item sai do léxico para entrar na gramática.

A gramaticalização pode ser considerada, então, como regularidade, convencionalidade, modo de rotinização. Com o processo de gramaticalização, uma construção deixa de ser um meio inovador e se transforma em uma estratégia comum.

No dizer de Castilho (1997:31), gramaticalização é:

o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio em que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.

De acordo com Heine e Reh (1984), gramaticalização é uma evolução na qual as unidades lingüísticas perdem em complexidade semântica, liberdade sintática e em substância fonética. Para Traugott (1988), gramaticalização se refere ao estudo de mudanças lingüísticas situadas no *continuum* que se estabelece entre unidades independentes, localizadas em construções menos ligadas, e unidades dependentes tais como clíticos, partículas auxiliares, construções aglutinativas e flexões.

Resumindo, a gramaticalização é um tipo produtivo de mudança lingüística. É necessário frisar que essa mudança é gradual e segue uma escala que vai do discurso para a manifestação zero, passando pela sintaxe, pela morfologia e pela morfofonêmica. Como a direção é específica, acredita-se que não pode ser revertida. Essa unidirecionalidade, não sem críticas, é tida como a característica básica da gramaticalização.

3. A AUXILIARIZAÇÃO DO VERBO *CHEGAR*

O verbo *chegar*, de acordo com Michaelis (1998) tem origem latina **plicāre** – derivação regressiva de **applicāre** – que significava ‘dobrar’, ‘enrolar’. Sua evolução semântica está ligada à linguagem náutica. Do sentido primitivo do latim ‘dobrar’, ‘enrolar’ passou-se ao de *chegar*, ‘arribar’, ‘abordar’ (ao porto, embarcação), pois nessa ocasião os marinheiros dobravam e enrolavam as velas.

A gramática tradicional classifica este verbo como intransitivo, ou seja, como um verbo que possui significado de *per si*, sem necessidade de complementação. Para Luft (1998), entretanto, *chegar* é denominado transitivo circunstancial, devido à necessidade de um circunstancializador.

Travaglia (1994) ao se referir a esse verbo diz que ele expressa situações pontuais, cuja ocorrência implica o término de uma outra situação que é durativa, isto é, situações pontuais que são o término de uma situação durativa. Assim o significado de (a) pode ser dado por (b):

- (a) Antônio chegou.
- (b) Antônio terminou de vir.

Na maioria dos dicionários, o verbo *chegar* aparece apenas como verbo pleno, ou seja, como núcleo do predicado, mas Borba (2002) já o cita como auxiliar.

Chegar: (...) [auxiliar] [~ + a + verbo no infinitivo] indica aspecto conclusivo: o silêncio dela chegou mesmo a angustiar; alguma vez cheguei a pensar que essa vulnerabilidade poderia até ter seu charme.

A auxiliaridade, de acordo com Longo e Campos (2002), é uma relação de complementação entre duas formas verbais; o auxiliar cujo complemento será o verbo base; e a perífrase verbal que forma um complexo unitário com o verbo e uma das formas nominais do verbo.

Entendemos por perífrase verbal um aglomerado verbal formado por um verbo – dito auxiliar – ao lado de outro verbo em uma das formas nominais – dito principal. Há entre esses verbos uma coesão interna a ponto de funcionarem como um verbo simples. O verbo auxiliar perde sua significação concreta e passa a expressar categorias gramaticais, pois é nele que estão contidas as noções de tempo, modo, pessoa e aspecto.

Isso não significa que a existência de verbos justapostos implique a presença de uma construção perifrástica. Verbos justapostos podem enunciar cada qual um ato concreto. Em

(01) *Ele quer sair.*

temos dois verbos contíguos que expressam dois estados de coisa: *quer* algo e *sair*. O verbo *querer* é pleno, núcleo de uma oração, cujo complemento, neste caso, é preenchido por uma outra oração *sair*. A construção poderia ser desdobrada com o verbo em sua forma finita

(02) *Ele quer que ele saia.*

Como temos sujeitos idênticos, reduz-se a oração para

(03) *Ele quer sair.*

Percebemos, no exemplo acima, que os dois verbos conservaram sua significação, não há, portanto, uma perífrase, pois, para a existência desta um dos verbos deveria enfraquecer-se ou esvaziar o seu sentido, assumindo, assim, a função de auxiliar, e o outro, deveria perder seu caráter complementar e encerrar em si a idéia principal da perífrase. Em

(04) *Seu voto vai garantir minha vitória*

os verbos justapostos *ir* e *garantir* exemplificam um caso de construção perifrástica, em que a forma *vai* é tomado como verbo auxiliar, pois ele esvaziou-se semanticamente, perdendo traços como [+ movimento], deslocamento espacial, para assumir uma função gramatical de indicar tempo (futuro), modo (indicativo) e pessoa (3ª singular). Funciona, portanto, como um morfema gramatical da base verbal, representada pelo verbo *garantir*, tido como principal por conservar sua significação plena, a ponto de podermos substituir a perífrase pela forma simples *garantirá* em (05).

(05) *Seu voto garantirá minha vitória.*

Ir é um exemplo de verbo pleno usado também como auxiliar, designando tempo futuro. Cesário *et al.* (1996: 99) mostram que *ir* é usado com seu sentido mais esvaziado, não podendo mais ser interpretado apenas como um movimento físico de um ponto para outro, mas como marcador de tempo progressivo (*ir* + -ndo) e tempo inceptivo (*ir* + -r).

O verbo *chegar* vem ocorrendo em perífrases verbais na função de auxiliar, como em (06).

(06) *Miguel Lemos chegou a fundar a Igreja Positivista do Brasil*¹.

Para observar a auxiliaridade de *chegar*, utilizamos os critérios privilegiados por Longo e Campos (2002): o da impossibilidade de desdobramento da oração, o da existência de sujeito único e o da detematização.

¹ Revista Veja, 2000.

Como perífrases verbais expressam categorias gramaticais, notamos que a auxiliaridade de *chegar* atribui à construção em que aparece uma marca aspectual. Utilizando-nos da tipologia de aspecto, proposta por Castilho (2002), dizemos que o verbo *chegar* expressa o aspecto resultativo. Vê-se, portanto, que as perdas das propriedades de verbo pleno são recompensadas, pois o verbo ganha outra propriedade, agora gramatical, desenvolvendo um processo de recategorização.

3.1 ASPECTOS SEMÂNTICOS

Como já dissemos, a perífrase verbal é a combinação de diversas formas de um verbo auxiliar com o gerúndio, infinitivo ou o particípio do verbo chamado principal. A distinção entre o verbo auxiliar e o verbo principal, geralmente, é feita tomando como base o significado. Diz-se, assim, que o auxiliar é caracterizado pela perda de traços de seu conteúdo lexical, ao passo que o principal conserva esses traços.

3.1.1 DETEMATIZAÇÃO

Detematização pode ser considerada como a perda, sofrida pelo auxiliar, da propriedade de atribuir papéis semânticos ou temáticos aos elementos nominais com que se combina (Longo e Campos, 2002). Diz-se, portanto, que um verbo se detematiza quando ele perde a restrição de selecionar seus argumentos. Percebemos que isso vem ocorrendo com o verbo *chegar*, que, quando ainda lexical, não apresenta mais restrição de argumento. Para exemplificar melhor, dividimos, abaixo, as ocorrências de *chegar* como lexical e como auxiliar, aplicando o critério da detematização.

a) *Chegar - verbo lexical*

Por meio de esquemas estruturais com a interpretação dos valores semânticos do verbo e dos argumentos associados ao verbo, observamos vários tipos de *chegar*. Tivemos a preocupação de ordenar os usos de *chegar* do [+ concreto] para o [+ abstrato], tendo em vista que a abstratização é uma das características do processo de gramaticalização.

Considerando a origem latina e as acepções encontradas nos dicionários, tomamos como uso mais concreto, o *chegar* com sentido de *vir*, e o descrevemos como possuidor do traço semântico [+ movimento], indicando direção de um ponto para outro. Para esta análise, o uso mais concreto será considerado a *forma fonte*, já que *chegar* já é um exemplo figurado (metonímico) de *plicare*, “dobrar”. Como as propriedades semânticas do verbo permitem estabelecer regras de seleção, espera-se que, neste uso, o primeiro argumento caracterize-se pelos traços [+concreto], [+ animado] e [+ humano], e que o segundo argumento seja complemento direcional, locativo², possuidor dos traços [+ concreto], [-animado], [- humano].

Nos exemplos que se seguem *chegar* é um verbo de ação e o primeiro argumento é controlador. Antes é necessário frisar que tais usos são lexicais, ainda que o processo de abstratização que caracteriza a gramaticalização já se inicie.

(07) *os torcedores do Flamengo chegaram ao Maracanã 4 horas antes do início da partida.*³

² O caso locativo marca o lugar onde: Leo está *na igreja* (Borba, 1996)

³ As ocorrências (07) a (16) foram retiradas da Revista Veja (2000)

(08) *os turistas brasileiros chegaram ao aeroporto de Nova York* e foram revistados.

Há ocorrências que o argumento externo conserva apenas um traço, [+ concreto], da forma fonte. Percebemos, assim, o uso do verbo em constante abstratização.

(09) *o avião* chegou *a Paris* no horário previsto

(10) *as sementes* chegaram *ao solo preparado pelo adubo*

Em (11) e (12), o verbo *chegar* passa de ação para processo, e o primeiro argumento não guarda mais nenhum traço da forma fonte, abstratizou-se. Isso nos faz sugerir a ocorrência de um processo de transferência metafórica, em que argumentos com traços mais abstratos passam a preencher funções ocupadas por argumentos mais concretos.

(11) *as notícias* chegaram *à sala do diretor* bem depressa

(12) *a sorte* chegou *a sua casa*

Pela escala de abstratização crescente, proposta por Heine (1991)⁴, o tempo é mais abstrato que o espaço. Assim, consideramos (13) e (14) usos mais abstratos de *chegar*, pois o segundo argumento, que, na forma fonte, exibia o traço [+ locativo] indicando espaço, perde esse traço e passa a indicar tempo. Este tipo nos mostra a extensão metafórica do verbo *chegar*. Isso nos lembra o princípio da exploração de velhos meios para novas funções, citado por Werner e Kaplan (1963). Por meio deste princípio, conceitos concretos são usados para descrever processos mais abstratos, o que caracterizaria a gramaticalização como um processo de base metafórica⁵.

(13) *Bruna* chegou *aos 15 anos*

(14) quando *o homem* chega *aos 50 anos*, os cabelos desaparecem.

Estes usos nos fazem levantar a hipótese de um contínuo de abstratização do verbo *chegar*, seguindo a escala objeto > espaço > tempo. Inicialmente, no latim, o segundo argumento era designador de objeto *plicare velam* (dobrar *a vela*); ao passar para o português, o segundo argumento de *chegar* designa espaço (os marinheiros chegavam ao porto) e também tempo (o rapaz chegou aos 18 anos).

Em algumas ocorrências, percebemos que desaparecem os traços [+ concreto], [+ animado] do segundo argumento, que passa a expressar uma qualidade.

(15) *o filme* foi bom, mas não chegou *à altura* de um Fellini.

(16) *o mar* é lindo, mas não chega *à beleza* de Laura.

Os usos apresentados até então trazem os dois argumentos verbais preenchidos. É comum, entretanto, encontrarmos ocorrências do *chegar* com o segundo argumento ausente, como *Manoel chegou, a velhice chegou, o amor chega de repente*.

O que se observa é que a detematização de *chegar* se inicia ainda quando este verbo é lexical. Isso indicia um futuro processo de gramaticalização.

b) Chegar - verbo auxiliar

Em alguns casos, *chegar* migra para o ponto mais abstrato no contínuo da gramaticalização, deixa de ser lexical para ser funcional, pois passa a ser auxiliar de um verbo base, formando com ele um complexo unitário. Isso indica que *chegar* perdeu suas propriedades lexicais, abstratizando-se e expressando noções gramaticais de valor aspectual.

⁴ PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

⁵ “A metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual conceitos que estão próximos são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido” (Martellota, 1996)

Encontramos *chegar* auxiliar em construções com o argumento 1[+ concreto], [+ animado] e [± humano].

(17) O brasileiro Rodrigo Pessoa *chegou a liderar* a final da competição⁶.

(18) O cachorro *chegou a me morder*⁷

Há, no corpus, usos em que o primeiro argumento não apresenta o traço semântico [+ animado].

(19) O balão *chegou a estourar* de tão cheio.

(20) O carro *chegou a pegar* fogo.

Em (21) e (22), encontramos uma escala maior de maior de abstraticidade, pois o argumento um exibe o traço [- concreto].

(21) O cheiro do homem *chega a ser* excitante em alguns casos.

(22) A queda da nota não *chegou a mudar* a qualificação.

Nos exemplos acima ((17) a (22)), verificamos a fusão semântica entre o verbo auxiliar *chegar* e o verbo principal, considerado verbo base. Os traços subcategorias dos argumentos são compatíveis com a base, cabendo ao verbo *chegar* apenas a expressão de aspecto.

3.1.2 NÍVEL DE INTEGRAÇÃO

Expedientes sintáticos também são úteis na identificação da auxiliaridade verbal. Há entre verbo auxiliar e verbo base uma forte integração, uma coesão interna, pois o primeiro agrega-se, incorpora-se ao segundo, formando com este um só predicado, ou nas palavras de Mattoso Camara (1964), formando uma espécie de sintagma, em que um elemento determinante cria um elo de subordinação com outro elemento determinado.

É impossível, nesse caso, o desdobramento da forma não-flexionada em uma oração com o verbo na forma finita. O critério de desdobramento da oração está, freqüentemente, relacionado com o da existência de sujeito único, pois há entre o auxiliar e o principal um tal vínculo de subordinação que os faz funcionar como uma unidade, tendo, portanto um só argumento externo. No entanto em (17) *Maria pensava amar João*, a seqüência *pensava amar* não expressa uma perífrase verbal, pois, embora os sujeitos dos verbos sejam correferenciais, *pensava* não funciona como auxiliar, não há entre os verbos dependência sintática de forma a torná-los uma unidade. Podemos desdobrar a oração:

(17) *Maria pensava amar João*

Maria pensava algo / Maria amar João

Maria pensava que amava João

Nas construções a seguir o desdobramento não é possível, o que demonstra a auxiliaridade de *chegar*.

(18) O tesouro nacional *chegou a bloquear* recursos

* O tesouro nacional *chegou que bloqueava* recursos

(19) A passeata *chegou a impedir* completamente o trânsito

* A passeata *chegou que impedia* completamente o trânsito

A estrutura de (17) difere das (18) e (19), pois, nestas últimas, *chegar* forma um todo indissociável com o verbo base.

⁶ Folha de São Paulo, 1999

⁷ Narrativa oral

O uso de *chegar* como auxiliar indicia que esse verbo está em processo de gramaticalização, pois entendemos gramaticalização como o processo pelo qual um item lexical passa a ser usado com função gramatical. Para testar o grau de gramaticalidade do verbo *chegar*, utilizamos os critérios selecionados por Longo e Campos (2002) ao analisarem perífrases aspectuais e temporais:

- Inseparabilidade: se houver itens entre os elementos que formam a perífrase, o grau de fusão é baixo, o que implica baixo grau de gramaticalidade. No *corpus* analisado, encontramos algumas ocorrências em que aparecem itens entre o verbo auxiliar e o principal; o que demonstra ainda não haver total fusão entre *chegar* auxiliar e o verbo base.

(20) Eric Temple Bell chegou *mesmo* a asseverar que Dodgson estava ...;

(21) em número tão abusivo que chega *até* a chocar os juristas;

(22) eles colocaram uma música tão alta ... chegaram *até* a interromper a sessão de tortura;

(23) não chega, *porém*, a estragar a viagem sensorial.

- Irreversibilidade: se houver mudança de ordem do auxiliar em relação ao verbo base, o grau de gramaticalidade é baixo. Não encontramos nenhuma ocorrência em que isso tenha se verificado.

- Esvaziamento semântico: se persistirem, na perífrase verbal, traços semânticos do verbo auxiliar, o grau de fusão é baixo. Nas ocorrências com o verbo *chegar*, percebemos que o conteúdo semântico da perífrase depende do verbo base e que a função de *chegar* é muito mais gramatical aspectual que lexical.

(24) [a mulher cheirosa] ela chegou a ... seduzi-lo [meu avô] e:... o deixou perdido por três dias⁸.

- Recursividade: se o verbo auxiliar for idêntico ao verbo base, o grau de gramaticalidade é alto, pois isso mostra que o falante não os identifica como sinônimos. Não encontramos na modalidade escrita nenhuma ocorrência de recursividade com o verbo chegar, mas na modalidade oral, registramos uma ocorrência. Consideramos relevante tal ocorrência, pois acreditamos que é na oralidade que, primeiro, ocorrem as mudanças.

(25) ele ficou tão ... atarantado que *chegou a chegar* atrasado no... primeiro dia de trabalho.

- Perda de características sintáticas: se o verbo deixa de restringir argumentos, perde seu caráter de núcleo da predicação e assume estatuto de categoria funcional. O verbo *chegar*, mesmo lexical, não exige mais o segundo argumento com o traço locativo.

(26) doze anos depois, a seleção brasileira de vôlei *chegou à medalha de ouro*.

Observando esses critérios, consideramos que o grau de gramaticalidade de *chegar* é alto. Ilustramos nossa análise com o seguinte quadro.

Quadro 01

Grau de gramaticalização do auxiliar *chegar*

| | |
|-------------------------------------|---|
| Inseparabilidade | 0 |
| Irreversibilidade | 1 |
| Esvaziamento semântico | 1 |
| Recursividade | 1 |
| Perda de características sintáticas | 1 |
| Grau de gramaticalização | 4 |

⁸ Narrativa recontada (Soure – PA)

4. CONCLUSÃO

Motivados pela observação dos fenômenos de variação e mudança que caracterizam a dinâmica das línguas, e apoiados na Linguística Funcionalista Contemporânea, investigamos, nesta pesquisa – em textos das modalidades oral e escrita do português contemporâneo – o processo de auxiliarização do *chegar*.

Utilizamos os critérios de detematização, da existência de sujeito único e da impossibilidade de desdobramento da oração (LONGO e CAMPOS, 2002) para identificar quando o verbo em análise era utilizado como auxiliar.

Concluimos que *chegar*, quando usado com outro verbo contíguo na forma nominal, perde seu caráter de verbo pleno e assume estatuto de auxiliar, expressando noções gramaticais de aspecto. Observamos que a forma de ocorrência mais comum do verbo base é o infinitivo antecedido da preposição *a*, pois das 110 sentenças analisadas, apenas uma apresenta o verbo base no gerúndio.

Percebemos que o verbo *chegar* vem adquirindo novos significados (como *aproximar-se*, *atingir*, *alcançar*) e, mesmo quando ainda é lexical, deixa de restringir traços subcategoriais de seus argumentos, perdendo características como a ausência de complementos locativos no argumento interno.

Sintaticamente, observamos que o uso lexical do verbo em análise coexiste com seu uso gramatical. *Chegar* une-se a um verbo base, funcionando como morfema gramatical deste, o que comprova seu caráter auxiliar. A nossa análise sugere, portanto, estágios de um percurso de gramaticalização desse item.

REFERÊNCIAS

- BORBA, F. S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.
- CAMARA Jr., J.M. **Dicionário de filologia e gramática**. 2. ed. Rio de Janeiro, 1964.
- CASTILHO, A. A gramaticalização. In: **Revista de estudos lingüísticos e literários**. Salvador: UFBA, 25-64. 1997.
- CESÁRIO *et al.* Integração entre cláusulas e gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E. *et alii*. **Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, 1996.
- GIVÓN, T. **Historical syntax and synchronic morphology: an archaeologist ‘field trip**. Chicago Linguistic society 7: 394–415, 1971.
- HEINE *et alii*. **Gramaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- LONGO B. O. e CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE M. B. e RODRIGUES, A. C.S.(orgs.) **Gramática do português falado**. Vol. VIII: novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002
- MICHAELIS. **Moderno dicionário de língua portuguesa**. São Paulo: Companhia de Melhoramentos, 1998.
- NEVES, M.H.M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- TRAUOGOTT, E e HEINE, B. **A approaches to grammaticalization**, v.1. Amsterdan: Benjamins, 1991.
- TRAVAGLIA, L.C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 3. ed. Universidade Federal de Uberlândia, 1994.